

Nosso Futuro não se negocia (Faísca)

1. Resumo da Tese da Faísca pro 59º CONUNE | Nosso futuro não se negocia: comunistas por uma UNE antiburocrática e independente dos governos! Após o reacionário governo Bolsonaro fica claro que é a conciliação de classe que abre espaço para a extrema-direita. A frente ampla Lula-Alckmin concilia com a direita tradicional, do empresariado, do centrão, do agronegócio, da bancada evangélica, dos tubarões do ensino privado, que foram pilares do golpe institucional de 2016 e de todos os ataques que vieram. O agronegócio está “passando a boiada” com o Marco Temporal enquanto o MST é perseguido. A presença do Ministro do STF Luís Roberto Barroso, inimigo da enfermagem, que foi articulador do golpe institucional de 2016 e votou pela prisão arbitrária de Lula é expressão de que a direção majoritária da UNE como UJS e PT são uma burocracia que quer transformar a UNE em um braço do governo de frente ampla. O PSOL, partido que hoje integra o governo de frente ampla, não é uma alternativa. A UNE precisa ser independente de todos os governos e das reitorias. Que a UNE impulse um plano de luta contra o arcabouço fiscal, pelo pagamento imediato do piso da enfermagem para todos os trabalhadores da saúde tanto do serviço público como do privado, pela revogação integral do novo ensino médio e todas as reformas, pela legalização das drogas contra a violência policial à juventude negra, pela efetivação dos terceirizados sem concurso público, contra a terceirização e a precarização do trabalho e por uma posição de repúdio ao governo golpista no Peru. Em defesa das cotas étnico-raciais, proporcionais de acordo com o número de negros e indígenas em cada estado, por cotas trans em todas universidades e em defesa da permanência estudantil para toda demanda. Rumo ao fim do vestibular e uma universidade a serviço dos trabalhadores e do povo pobre. Precisamos de entidades combativas que impulsionem a auto-organização dos estudantes, aliados aos trabalhadores e os movimentos sociais.

2. Por uma UNE que tome as ruas contra a ultradireita, pela revogação das contrarreformas e em defesa de uma educação verdadeiramente pública. Juventude anticapitalista Já Basta! A União Nacional de Estudantes (UNE) é a maior entidade estudantil da América Latina. Mas é preciso demonstrar essa fortaleza numérica nas ruas, não somente nas falas do Congresso. Para fazer disso realidade, é preciso que a UNE seja uma entidade com independência política do governo e, ao mesmo tempo, uma contundente oposição à ultradireita. É necessário apontar para a retomada de um movimento estudantil democrático e combativo que se levante contra as reformas neoliberais promovidas – ou mantidas – pelo atual governo de Lula com a burguesia; assim como enfrentar nas ruas a ultradireita bolsonarista que, embora tenha sido derrotada nas urnas, ainda é uma força política com grande penetração territorial e capilaridade social. Portanto, fazemos um chamado às organizações que se mantêm no campo da independência de classe para (re)construir a oposição de esquerda na UNE e lutar de maneira unificada por uma entidade independente deste governo, dos patrões e da burocracia que tem servido ao longo do tempo como força contentora da mobilização da juventude e das massas trabalhadoras. Por tudo isso, nós da juventude anticapitalista Já Basta! apresentamos as seguintes propostas de luta: 1) Impulsionar uma campanha de informação e luta no próximo semestre. Para isso, propomos as seguintes medidas organizativas: a) Conformação de um Comitê Nacional de Luta (CNL) da UNE, com representantes das entidades universitárias e

grêmios estudantis das escolas, eleitos democraticamente por meio de assembleias. b) Construção de um calendário de lutas escalonado por parte do CNL para ser apresentado, discutido e aprovado em assembleias nas universidades e nas escolas. c) Marcar uma mobilização nacional da UNE pela revogação imediata do Novo Ensino Médio para o próximo 11 de agosto, Dia do Estudante.

3. Os jovens em todas as épocas da história, tiveram papel essencial na luta pela defesa das liberdades e promoção da democracia, nunca faltamos ao Brasil quando fomos convocados. Hoje, não será diferente. Mesmo que o movimento estudantil esteja tomado por forças que não respeitam e não permitem a participação democrática de todos, nós não devemos enfraquecer ou fracassar. Iremos até ao fim. A União Juventude e Liberdade nasceu em 2020 com o propósito de renovar o movimento estudantil brasileiro e apresentar uma nova perspectiva para a crise profunda em que se encontra o ensino superior no Brasil. As universidades estão sucateadas, as turmas esvaziadas, os recém-egressos desesperançados. A evasão virou a palavra de ordem nos campi de todo o país. É preciso dar um basta nesse cenário e tirar o Brasil da retaguarda dos índices de desenvolvimento científico, educacional e tecnológico. Acreditamos na afirmação da autopropriedade de cada indivíduo como valor primordial a partir do qual nascem seus direitos fundamentais, como a liberdade de consciência, credo, expressão e associação. Vemos no valor sagrado da liberdade não apenas o melhor, mas o único caminho possível para que cada pessoa possa almejar suas aspirações e alcançarmos uma sociedade livre e próspera com educação digna e de qualidade para todos os estudantes. Ver que a realidade da educação brasileira é caótica e impedir que TODOS os estudantes façam o efetivo debate é fechar os olhos para a realidade. Porém, felizmente, a UJL respeitando os ensinamentos de Tocqueville, defende e assegura de maneira muito clara e delimitada, em outras épocas, estaríamos propensos a idolatrar a liberdade, na época atual, devemos dizer, idolatrar a liberdade não é suficiente, precisamos defendê-la de maneira firme, intransigente e indisponível

4. Movimento Estudantil - Vamos à Luta Defendemos uma UNE democrática e de luta, independente do governo Lula/Alckmin, governadores e reitores, pois só assim vamos ser consequentes na luta estudantil. Reivindicamos a memória de Honestino Guimarães, presidente da UNE assassinado pela ditadura, por isso lutamos para que Bolsonaro e a extrema direita sejam presos e tenham seus bens confiscados. Defendemos que a UNE convoque o dia 11 de agosto como um dia nacional de luta, por mais verbas para educação, assistência estudantil, contra o arcabouço fiscal e pela prisão de Bolsonaro e todos os golpistas. Para que os estudantes tenham vitórias, a UNE precisa ser independente e deve apostar na luta estudantil por pautas imediatas. Contudo, essa não é a postura da direção majoritária (UJS/PCdoB, LPJ, JPT), que blindo o governo Lula/Alckmin e não mobiliza contra os ataques que ele aplica. Para mudar isso, teremos de mudar a atual direção da entidade. 1-Pela independência da UNE em relação ao governo capitalista de Lula/Alckmin, que a UNE não se restrinja a negociar migalhas em gabinetes, mas aposte que na organização democrática da base estudantil, ocupando as ruas, para derrotar o Arcabouço Fiscal, a reforma do Ensino Médio, o Marco Temporal, a extrema-direita e para exigir a recomposição orçamentária das

universidades. 2- A construção de uma jornada de lutas nas ruas e o chamado às centrais sindicais, sindicatos e movimentos a mobilização unificada. 3- A democracia nos fóruns do movimento, como a retomada periódica do CONEB, CONEG e reconstrução democrática dos congressos da UNE. 4- Retomada do critério da antiga Oposição de Esquerda, de “fazer o que a majoritária não faz”. 5- A defesa de que a UNE se retire do pacto social expresso em sua participação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, fórum de colaboração de classes do governo com empresários e multinacionais. Bandeiras de luta: Não ao arcabouço fiscal do Governo Lula/Alckmin e ao Marco temporal, basta de genocídio aos povos originários! - Prisão de Bolsonaro e de todos os bolsonaristas golpistas. Confisco dos bens de Bolsonaro, sua família e dos empresários financiadores das ações golpistas. - Fora Múcio do Ministério da Defesa! - Exoneração e prisão de toda a cúpula das forças armadas, que foi conivente com os acampamentos e invasão dos bolsonaristas. Fim da PM e da PRF! - Revogação da reforma da previdência, trabalhista, teto de gastos, reforma do ensino médio e sigilos de Bolsonaro. Revogar todas as privatizações, sob controle da classe trabalhadora. - Não pagamento da Dívida Pública aos banqueiros e taxaão aos ricos para ter verbas para a educação e áreas sociais. Estatização do sistema financeiro. 10% PIB para educação. - Contra os cortes das universidades. Recomposição orçamentária já! Universidade para os filhos da classe trabalhadora! - Reajuste de 79% de todas as bolsas de acordo com as perdas dos últimos anos! - Por uma política de permanência nas universidades para cotistas. Bolsa automática para cotistas de renda! - Contra a terceirização dos serviços nas universidades. Concurso público já! Em defesa dos direitos dos trabalhadores terceirizados! - Transporte gratuito intercampi e passe livre universitário municipal e intermunicipal para todos estudantes. - Sistemas de segurança nos campi, com profissionais capacitados em defesa da segurança de mulheres, LGBTQIA+s e negres. - Autorização para alunes com crianças de colo assistir as aulas e para as crias comerem nos restaurantes universitários. Creches nas universidades! - Cotas para pessoas trans e respeito à utilização do nome social. - Apoio às demandas e lutas das pessoas com deficiência, por uma universidade anticapacitista!

5. Rearticular o movimento estudantil como força viva da juventude brasileira! Derrotar o fascismo e abrir caminho para um movimento ofensivo, que conquiste uma democracia real e catalise o longo percurso para o socialismo, exigirá de nós um grande movimento de massas dirigido por uma forte frente de esquerda. Estes elementos nos exigem uma posição consequente: é fundamental que consigamos levar ao fim e ao fundo as contradições que o capital em sua crise estrutural e profunda submete todo o conjunto da classe trabalhadora.. Se é verdade que, ao olharmos hoje para um Congresso Estudantil como esse, nos deparamos com tanta dificuldade de construir unidade real, que saia dos acordos de cúpula e se torne ação coletiva nas bases, é porque existem importantes diferenças estratégicas de como resolver os problemas do país para matar a cobra do fascismo e enterrar de vez todo entulho da ditadura empresarial-militar brasileira que ainda resta na sociedade. Não adianta tentarmos resolver todos os nossos desafios históricos burocratizando excessivamente nossas entidades, firmando reuniões entre as direções a fim de estabelecer acordos de cúpula. Precisamos construir um grande movimento de massas, que reúna condições reais de fortalecer a unidade na luta e aproxime as bases e partidos. É preciso construir um movimento de massas que envolva os amplos setores da sociedade que, mesmo com contradições, possuem interesses

inconciliáveis com os responsáveis pelo atraso, fome e miséria do nosso povo. Somente um forte movimento de massas anti-imperialista, anti-monopolista e anti-latifundiário poderá criar condições para uma unidade verdadeira entre os partidos e organizações políticas, impondo a sua vontade concreta: somente com o fim da exploração dos trabalhadores e as opressão de todas e todos é que conquistaremos a verdadeira democracia e paz. Nesse sentido, a União Nacional dos Estudantes tem uma história de vínculo fundamental com as lutas do povo brasileiro. Desde 1937, a UNE participou das principais lutas do nosso povo e sofreu junto a ele suas mais difíceis provas. Ter em nosso país uma entidade do tamanho da UNE, com a força que tem (e que ainda pode ser mais!), é um patrimônio de valor incalculável para o povo e a juventude brasileira. A UNE é a maior entidade estudantil da América Latina e cumpre um papel fundamental nas lutas populares, em direção à verdadeira libertação e independência nacional, rumo ao socialismo. No entanto, a UNE não é um partido, não é um fórum e não é um instrumento de Estado. A União Nacional dos Estudantes é uma entidade estudantil, assim como um sindicato estudantil, e os Centros Acadêmicos, Diretórios Acadêmicos, um DCE ou uma UEE. Por princípio, as entidades representativas dos setores do movimento da nossa classe precisam ser, por definição, representantes dos interesses de suas categorias. No caso da UNE, dos estudantes. Uma boa entidade não é aquela que existe em função do crescimento e do desenvolvimento de um ou outro partido, e sim aquela que leva os estudantes à luta, auxiliando no entendimento destes enquanto parte do povo brasileiro, ajudando-os a levar adiante seus interesses e a elevar sua consciência. A presença de organizações políticas, partidos, tendências, grupos ideológicos e jornais, é um sinal de amadurecimento do movimento estudantil e um sinal de que os estudantes buscam pensar sua luta para além da realidade imediata e transitória. Além disso, ligam essa condição com as grandes questões nacionais e sociais do país. Entretanto, a presença das organizações não pode confundir os estudantes sobre a finalidade e as formas de organização de suas entidades. Para conquistarmos vitórias profundas na vida social do país, é necessário que todo o povo esteja em luta! Nos últimos anos os estudantes têm assumido importante protagonismo, como exemplo na resistência. No entanto, as decisões e organização estudantil seguem reféns de acordos de cúpula, práticas de aparelhamento das entidades e demais ações antidemocráticas. A divulgação dos regimentos, a convocação dos conselhos intermediários da UNE, o processo eleitoral, a corrida pelas fraudes em universidades sem movimento, o credenciamento, as negociações sobre inscrições, tudo é atravessado pelo controle partidário e pela disputa fratricida entre posições que prejudicam a imagem da entidade nas universidades e que afasta os estudantes da vida democrática do movimento estudantil. Se existe alguma tarefa da UNE que está acima das outras, é justamente a tarefa de dar o exemplo de democracia, de mobilização, de vinculação de uma entidade com suas bases para que sua força fosse replicada e multiplicada a partir das entidades de base e gerais. Para que a UNE sejamos nós, nossa força e a nossa voz, ela precisa abrigar com transparência e respeito a pluralidade do movimento estudantil e combater as práticas de acordos entre cúpulas, práticas de aparelhamento e de destruição da participação dos estudantes em seu processo de construção. Hoje, neste Congresso, um estudante que não é organizado em alguma juventude ou partido político não tem qualquer condição de participar dos fóruns de discussão e de deliberação com qualidade, nem mesmo vai conseguir expressar com qualidade para sua universidade o peso e a dimensão das discussões feitas neste Congresso. Mais do que isso: é

possível que sem partidos aliados, este estudante não consiga sequer credenciar-se como representante de sua universidade após a eleição na base. O espaço de credenciamento se tornou um palanque para que as próprias organizações medirem suas forças, sem possibilitar que haja grandes inflexões no debate e na força material que os debates possam fundar nas bases do movimento. O CONUNE torna-se um evento importante, mas suas deliberações políticas e linhas acabam no credenciamento, onde cada campo soma seus crachás e comemora a vitória. Para avançar na organização dos estudantes, é necessário superar as discussões em forma de brigas de torcida. Os espaços de discussão do CONUNE não podem tolerar implosões com baterias, esvaziamentos propositais ou boicotes de estrutura. A lógica que tem regido a vida da entidade é a de um fórum de partidos e organizações, que fatiam o funcionamento da entidade, seus recursos, e se contentam com uma direção política que é a expressão mais frouxa e amorfa de posições rebaixadas e até mesmo de direita que circulam no movimento estudantil. A UNE precisa ser uma mola propulsora da luta estudantil, um polo organizador, que precisa ter uma direção que expresse não só a posição da maioria dos estudantes que lutam no Brasil, mas que os leve adiante, ligando nossas lutas enquanto estudantes com todas as lutas justas do povo brasileiro. Será que hoje o CONUNE, com seus mais de 5500 delegados, representa com qualidade a mobilização real dos estudantes e suas posições políticas? Ou os grandes partidos que hoje dirigem a UNE, à exemplo da UJS estão se tornando especialistas em falsificar eleições, enganar os estudantes e ter o menor trabalho possível nos processos eleitorais? É preciso que os estudantes que assinam atas de eleição, tem seus atestados cadastrados em chapas e “representam” os estudantes de suas universidades realmente tenham reconhecimento de suas bases e trabalho real! Estudante independente, não dê seu atestado de matrícula para eleições e processos que você não conhece nem acompanha! Exija direito de voto e voz em todos os processos! Não podemos mais aceitar uma UNE como aparelho político do campo majoritário, que mal coordena a luta na maior parte das universidades brasileiras. Décadas de aparelhamento, mandonismo e agressão à democracia corroem nossa entidade e a afastam da seiva que a sustenta, fazendo com que tenha sentido em existir: a massa dos estudantes brasileiros. Precisamos de uma UNE que esteja à frente das principais lutas, que tenha agilidade para acompanhar cada processo político de interesse dos estudantes, e que caminhe ao lado do conjunto das entidades e do movimento estudantil em geral, para a conquista vitórias substantivas para nosso povo e para os estudantes brasileiros. Nossos princípios: • Por um movimento estudantil democrático e lastreado nas bases! • Em defesa da União Nacional dos Estudantes e das entidades estudantis democraticamente constituídas! • Por uma universidade popular – por um movimento estudantil que tenha consciência da importância estratégica da universidade na transformação da sociedade e que lute no sentido de vincular a luta por uma universidade do povo e para o povo com a luta pelo socialismo! • Abaixo o aparelhamento das entidades e o patriotismo partidário – pela democratização do CONUNE e por um congresso que verdadeiramente debata o futuro do movimento estudantil. • Abaixo as intervenções golpistas nas universidades e institutos federais! Em defesa da democracia e autonomia universitária! • Pela livre participação e poder decisório dos estudantes independentes e organizados dentro do movimento estudantil • Independência à reitorias e governos Bandeiras de Luta • Pela exigência de atestados de matrícula e assinaturas nas listas de inscrição de chapas e credenciamentos em todos os processos democráticos estudantis – Abaixo a fraude e o

vale-tudo na disputa da democracia universitária! • Pela reconstrução do movimento estudantil em bases democráticas, com horizonte estratégico em disputa por uma universidade popular • Pela construção aberta das chapas aos congressos e processos eleitorais locais – abaixo o aparelhamento político e as negociatas de cúpula no movimento estudantil! • Abaixo as fraudes de C10 e C3, pela ampliação das mesas de credenciamento e os poderes de recurso às entidades gerais. Pela democratização da CNECO contra a falta de democracia na UNE. • Pelo direito ao voto de todos e todas nas chapas e decisões das entidades estudantis • Pela convocação semestral de CONEBs e dos fóruns intermediários da UNE! Para reconstruir é preciso mobilizar e fomentar a discussão desde a base do ME. • Pelo retorno dos seminários de gestão da UNE e por ampla participação!

6. A atual geração do movimento estudantil brasileiro teve o mérito de protagonizar e vencer dois dos principais desafios da história nacional: a derrota eleitoral de Bolsonaro e a superação da pandemia da COVID-19. A UNE e as entidades estudantis foram fundamentais para a conquista desses objetivos, seja organizando importantes mobilizações de rua e campanhas de solidariedade, ou a partir da unidade com pesquisadores, técnicos e professores, que mantiveram de pé a produção científica nas universidades em prol de melhores condições sanitárias e produção de vacinas.

Esse mérito é um orgulho e um balanço coletivo da UNE, seus coletivos e todas as entidades a elas associadas, afinal a unidade na luta foi uma condição indispensável para a nossa vitória. Mas os últimos anos também cobraram um preço na base das universidades, com consequências negativas que precisam ser encaradas com responsabilidade.

A imposição do ensino remoto e o distanciamento social impactaram a dinâmica de CAs, DCEs e DAs, assim como os seus fóruns de debate e decisão, a convivência universitária, os espaços estudantis e trouxeram maiores dificuldades para a renovação das gestões e a saúde mental de milhares de estudantes. Ainda estamos em meio à superação desta etapa, com o objetivo de construir com as novas gerações uma prática e uma cultura política ainda mais democrática e combativa de movimento, combinando a prioridade do presencial e a nova marca das experiências digitais.

No próximo período será necessário um esforço comum no sentido do fortalecimento das assembleias e plenárias do movimento; fortalecimento da auto organização dos coletivos antirracistas, feminista e LGBTIA+; retomada das festas, das práticas esportivas e da ocupação dos espaços da universidade pela população em geral.

Para avançar neste sentido, também precisamos de uma UNE mais presente no cotidiano dos estudantes e das suas entidades, vocalizando as suas demandas mais sensíveis e se apresentando enquanto um ponto de apoio prático, indo além de uma referência de luta nacional, mas muitas vezes distante. O caminho para isso passa, entre outras iniciativas, pela retomada dos Conselhos Nacionais das Entidades de Base da UNE, onde Centros Acadêmicos e DAs de todo o país se reúnem para discutir os rumos da educação, mas que aconteceu somente duas vezes nos últimos 10 anos.

Passa também pela afirmação de uma entidade verdadeiramente independente e combativa, que não repita os erros de um passado recente, onde a UNE atuou como correia de transmissão acrítica dos projetos do Governo Federal e do MEC. A independência da UNE não pode ser encarada como uma simples meta, mas como um princípio e um compromisso assumido por toda a sua diretoria. Essa independência, inclusive, não se resume a uma autonomia para expressar opiniões, mas sim como uma prática cotidiana, baseada no histórico programa de defesa de uma educação pública, gratuita e universal, que se enfrente com os pilares do modo de produção capitalista brasileiro e a ofensiva neoliberal das últimas décadas.

A vitória eleitoral de Lula foi uma vitória de todo o movimento estudantil e vamos seguir em sua defesa contra qualquer ofensiva golpista da extrema-direita e para colocar em prática o programa pelo qual votamos no ano passado. Mas isso sem vacilar no enfrentamento aos interesses do mercado da direita e do centrão de Arthur Lira, incluindo aqueles que, mesmo dentro do atual governo, tentam sabotar a soberania popular e frear uma possível guinada à esquerda na realidade nacional.

A luta pela revogação definitiva do “Novo Ensino Médio” é um importante exemplo nesse sentido, onde a possibilidade da nossa vitória dependerá de uma pressão sobre o governo de maneira independente, de modo que também se enfrente com os agentes do mercado instalados no MEC, que são favoráveis ao novo modelo, mas sem nunca abrir espaço para qualquer ofensiva da oposição golpista.

Não podemos perder de vista que para conquistar esses objetivos precisamos encarar as condições adversas da relação de forças dos últimos anos, marcada pela força do bolsonarismo e pelos retrocessos estruturais, bem como os impactos da pandemia sobre os ativistas. Para subverter essa realidade e passar à ofensiva,

precisamos construir uma nova forma de governabilidade, apoiada nas experiências históricas da esquerda internacional e latino americana, apoiada na mobilização social e na unidade das lutas.

Nós da Juventude Sem Medo defendemos para a UNE o mesmo modelo, aliando combatividade e democracia direta, com ampla participação de todes que constroem o movimento estudantil em cada universidades deste país. Os principais passos da nossa luta são votados em cada congresso, mas nunca podemos perder de vista que a execução dos nossos planos e a condução mais imediata das nossas tarefas é um desafio permanente que cabe às bases, ao conjunto dos estudantes que devem ser cada vez mais integrados ao nosso movimento, e não somente à nova diretoria que será neste 59º Congresso Nacional de Estudantes da UNE.

- Por uma nova cultura política! Por um movimento estudantil oxigenado e combativo, independente e proativo, que construa as suas pautas através das mobilizações territoriais nas universidades e nas ruas; Que seja capaz de incorporar e fortalecer o que vem de baixo;
- Por mais transparência e compartilhamento do conselho fiscal, conselho editorial e política de comunicação da UNE;
- Recompôr os espaços institucionais de diálogo e participação social, conselhos e conferências governamentais, mas sem nunca substituir as ruas pelos gabinetes;
- Pela priorização dos Encontros de Mulheres, LGBTs e Negros e Negras da UNE!
- Pelo fortalecimento e construção do II Encontro de Estudantes da Amazônia
- Por mais espaços de escuta e elaboração da UNE com as entidades de base. Por Conselhos de Entidades de Base de dois em dois anos;

7. Nos últimos anos, os estudantes de todo país têm dado incontáveis exemplos de indignação, organização e luta em defesa das escolas, das universidades e dos direitos do povo brasileiro.

Estivemos em peso nas grandes manifestações de 2013 e fomos a ponta de lança da luta contra a Emenda Constitucional 95, ocupando muitas cidades, Brasília e milhares de instituições de ensino contra a absurda política de proibição do crescimento do investimento em educação e outras áreas sociais. Apoiamos a luta dos trabalhadores nas Greves Gerais de 2017, construímos o #ForaTemer e o #EleNao. Com a ascensão do fascista Jair Bolsonaro à presidência, os estudantes foram os primeiros a emplacar grandes manifestações contra o governo inimigo da educação. O tsunami da educação contestou a suposta hegemonia bolsonarista, reverteu cortes e enterrou o Future-se, programa privatista do MEC de Weintraub. Com o início da pandemia da Covid-19, nos mantivemos firmes defendendo o papel da educação no enfrentamento desta e as medidas de assistência estudantil necessárias no período, bem como organizando redes de solidariedade. A eleição de Lula, diante das tentativas golpistas dos fascistas, nos traz agora uma importante questão: como deve o movimento estudantil se comportar num governo democraticamente eleito, numa frente ampla de conciliação de classes com setores da burguesia, com muitas promessas relativas à educação, e ameaçado pela direita golpista? As lutas que temos enfrentado nos últimos anos nos ensinam uma lição: é nas ruas, nas lutas diárias e na organização da indignação dos estudantes que reside nossa chance de transformar a educação e a vida dos jovens no Brasil. É necessário enfrentar, não só os ataques dos governos à educação, mas também as elites que enxergam na educação, ou na destruição dela, uma chance de lucrar, como fazem os grandes especuladores, banqueiros e os donos por trás dos grandes monopólios da educação privada. Em 2019 durante os tsunamis da educação, a UNE obteve um destaque importante, impulsionado pelos DCEs e pelo conjunto dos coletivos do movimento estudantil comprometidos com as mobilizações de base; porém, pela condução política da majoritária, o processo de mobilização terminou sem apontar um caminho de continuidade nos próximos anos. Durante a última gestão, a UNE não cumpriu o papel que poderia cumprir impulsionando mais manifestações e pressionando pela derrubada de Bolsonaro. Agora, com a derrota eleitoral do fascista, a UNE já começa a repetir velhos erros: acreditar que o governo pode e vai resolver todos nossos problemas, sem que haja pressão e luta por parte dos estudantes. É marca das gestões da UNE em meio a governos petistas a priorização dos acordos de gabinetes em detrimento da organização dos estudantes em cada universidade para lutar pelos seus direitos. Assim, deixamos de conquistar muito, já que a força do conjunto dos estudantes é muito maior do que a dos acordos de cúpula. Infelizmente, há representantes dos Tubarões da Educação dentro do MEC do governo Lula. Além disso, a direção majoritária faz de tudo para excluir os estudantes e os setores da oposição na construção democrática da entidade. Muitas vezes, diretores da oposição, embora igualmente eleitos no Congresso, ficam sabendo das decisões da UNE pelas redes sociais da entidade. As reuniões de diretoria são raras de acontecer e por elas não passam grande parte das decisões importantes que devem ser tomadas. Quando a direção majoritária da entidade se utiliza dessa estratégia, afirma que pouco vale a opinião de milhares de estudantes que participaram do Congresso da UNE, apenas porque estes votaram em outras chapas. Mas o mais grave, quanto à democracia da entidade, é o processo extremamente antidemocrático pelo qual se elegem os delegados ao Congresso. Esse ano, mais uma vez, as eleições foram marcadas por impugnações absurdamente injustas de chapas da oposição em várias universidades, em especial nas que elegem o maior número de delegados, garantindo uma maioria artificial à atual direção. Meses

antes do Congresso, dezenas de DCEs são criados artificialmente pela direção majoritária para controlar o processo nas universidades e o credenciamento de delegados. A democracia de nossa entidade deve ser respeitada para que cada vez mais estudantes acreditem na UNE, participem do movimento estudantil e construam suas lutas e bandeiras. O 59º Congresso da UNE é o primeiro presencial após a pandemia e expressa as insuficiências de sua atual direção. Uma abertura política com um ministro do STF que, em vários momentos, vota contra os direitos dos trabalhadores, como foi o caso do piso da enfermagem. Um ato político com a presença do ministro da Educação responsável por manter um grande retrocesso como é o Novo Ensino Médio. São exemplos da tentativa de criar um sentimento de unidade que não encontra respaldo na realidade. Por isso, achamos fundamental a defesa da independência política da UNE e de qualquer entidade estudantil em relação ao governo Lula, governadores, prefeitos e reitorias. Nossos espaços de organização não podem servir para render aplausos acríticos aos membros do governo, enquanto retrocessos não são questionados até suas últimas consequências. A existência de um suposto consenso pela revogação do NEM, mas que não reflete em uma agenda geral de mobilização, é preocupante em meio a sinalizações como essas. Enquanto isso, espaços unitários de mobilização contra a extrema-direita e em defesa dos movimentos sociais, como foi o Banquetaço em apoio ao MST, que vem sofrendo uma tentativa de criminalização por questionar a absurda concentração de terras no nosso país, não recebeu a prioridade de construção que merecia nos marcos da conjuntura. O movimento estudantil tem tarefas urgentes em cada universidade e a UNE deve ser uma grande articuladora e impulsionadora de nossa organização e de nossas lutas. Precisamos fortalecer cada vez mais os Centros Acadêmicos e os DCEs. Não devemos aceitar nem mais um dia de bolsas com valores defasados, estrutura precarizada e ensino prejudicado. Precisamos arrancar de volta cada centavo que foi arrancado da educação nos últimos anos, lutar pelo passe-livre, pelo fim do vestibular e por mais vagas nas universidades públicas, bem como por condições dignas de estudo nas Particulares, onde o lobby dos empresários quer impor mensalidades cada vez maiores e condições cada vez piores. O movimento estudantil deve ser a ponta de lança na defesa intransigente dos interesses dos estudantes. Para isso, precisamos construir uma UNE que acredite na força dos estudantes organizados. Os estudantes precisam defender a democracia, lutar pela punição de Bolsonaro e dos golpistas, por mais investimentos e melhorias no ensino, políticas de assistência estudantil e pelo fim da retirada de direitos. O Governo Lula deve cumprir o que prometeu em campanha e precisa ser cobrado no sentido da construção de uma política diametralmente oposta a de Bolsonaro quando o assunto é educação e direitos da juventude, revogando o NEM, a reforma da previdência e a reforma trabalhista e privatizações, por exemplo. Por tudo isso, defendemos uma UNE que se coloque radicalmente em defesa dos direitos dos estudantes e do povo brasileiro, fazendo os enfrentamentos necessários contra aqueles que querem destruir a educação pública. Uma UNE profundamente democrática, que abra suas portas para cada estudante disposto a lutar, a organizar seu centro acadêmico e a se somar nas diversas batalhas que temos pela frente. Somente dessa forma é possível reunir milhões de estudantes em defesa da educação e das condições de vida do povo, contra o fascismo e pela punição de Bolsonaro e dos golpistas. Em um governo de frente ampla, com pressões do capital privado para implementar uma dura austeridade fiscal, é um risco termos uma entidade que assina embaixo qualquer ação do governo, sem independência. A insatisfação popular deve ser

direcionada para ampliar os direitos da juventude, e não pela extrema direita organizada. Para dar conta dessas tarefas, é preciso construir agendas nacionais de luta que coloquem os estudantes em movimento. A UNE vem sendo insuficiente na construção de mobilizações gerais contra o Arcabouço Fiscal e o Novo Ensino Médio. Portanto, para virar esse jogo, é preciso tomar as ruas e as Universidades e construir grandes mobilizações em defesa da educação. Por isso, convocamos todos estudantes e entidades estudantis a aprovarem um dia nacional de Mobilização contra o NEM e o Arcabouço Fiscal no Dia do Estudante (11 de Agosto) como um passo para construir nossas lutas e reivindicações! Viva a luta dos estudantes! Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil!

8. Somos a geração que construiu a maior vitória popular da história recente do Brasil, com a eleição de Lula e a derrota do governo neofascista de Bolsonaro. Esse capítulo da história tem uma profunda marca do protagonismo da UNE. Fomos nós, estudantes, que mais nos mobilizamos contra Bolsonaro desde o princípio de sua candidatura com as mulheres estudantes na rua ecoando o “Ele não!”. No início de 2019, realizamos o primeiro encontro do movimento social no desgoverno Bolsonaro, na 11ª Bienal da UNE sediada em Salvador, em que já anunciávamos que o futuro seria de luta e resistência. Em maio, ocupamos as ruas de todo Brasil com os “Tsunamis da Educação”, fizemos uma intensa luta contra o projeto “Future-se”, e fomos uma das principais forças mobilizadoras que levou à queda de 4 ministros da educação que diariamente atacavam a educação brasileira. Diante da maior crise sanitária já vista pela nossa geração, a União Nacional dos Estudantes buscou se adaptar a uma nova dinâmica, enquanto entidades estudantis mundo afora fechavam as portas durante a pandemia. A UNE se manteve forte, atuante e protagonista na política nacional. Realizamos o Seminário de entidades gerais, curso de direitos estudantis, a histórica 12ª Bienal da UNE, o 7º ENUNE e o 9º EME da UNE em formato virtual, todas as lives, os abaixo assinados que reduziram mensalidades, ajudaram a adiar o ENEM e a aprovar o FUNDEB, a luta contra os interventores nos IFs e Universidades, e uma grande jornada de lutas realizada no dia 30 de março de 2021 por “VIDA, PÃO, VACINA E EDUCAÇÃO”, além das gigantes manifestações de 29 de maio e 19 de junho do mesmo ano. Tudo isso culminou em um congresso online que renovou a gestão da UNE que neste 59º Congresso chega ao fim. Esta, infelizmente, não foi a realidade de muitas entidades de base. A pandemia dificultou as renovações de gestão e a formação de uma nova geração de quadros para dirigir o movimento estudantil. Esta diretoria da UNE foi eleita tendo este grande desafio: reestruturar a rede do movimento estudantil. Por isso, um dos nossos primeiros desafios foi organizar os estudantes de todo Brasil na defesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e da Residência Pedagógica, que tiveram o pagamento de suas bolsas suspensos por 4 meses. Graças à ocupação que promovemos às ruas e ao Congresso Nacional com o conjunto das entidades do movimento estudantil, obtivemos a primeira vitória desta gestão: a vitória do reajuste dessas e de outras bolsas da CAPES e CNPq um pouco depois no ano de 2023. Logo em seguida, organizamos o Primeiro Encontro dos Estudantes da Amazônia em São Luís - MA, algo que entrou para a história da UNE. O encontro foi fundamental para estabelecer um primeiro espaço de interação dos estudantes graças ao avanço da vacinação na região. Além disso, trouxemos para o centro do debate da UNE a defesa dos biomas brasileiros, principalmente a Amazônia, de nossos

povos indígenas e das comunidades tradicionais e a soberania nacional, tão atacados nos últimos anos. Com o avanço da vacinação em todo país e o recuo da pandemia, o ano de 2022 foi marcado pela intensidade das mobilizações contra os ataques do governo à educação. A rua é um espaço importante de formação política da nossa base e a cada avanço na reestruturação da rede do movimento estudantil, vimos aumentar a capacidade de mobilização de rua. O dia 18 de outubro, também marcado pela campanha contra os cortes na educação, foi maior que as mobilizações de junho, em grande parte graças à quantidade de entidades de base reorganizadas, em decorrência dos diversos DCE's, DA's e CA's que realizaram seus processos eleitorais e renovaram suas gestões, trazendo novas gerações para a linha de frente do movimento estudantil. Nesse meio tempo, realizamos o Cultura em Rede - Circuito de Capacitação em Cultura e Arte, o 2º Encontro de Comunicação da UNE e a campanha "Eu defendo as cotas - pela entrada e permanência nas universidades". Reunimos estudantes de todo o Brasil no 68º Conselho de Entidades Gerais, que antes da eleição reuniu DCE's, UEE's e Federações Estudantis de todo o país para formular uma plataforma dos estudantes para o Brasil, documento que foi entregue a equipe de transição do governo Lula contendo reivindicações elaboradas pela rede do movimento estudantil para o próximo período. A UNE assumiu o protagonismo nas salas de aula e nas ruas para derrotar Bolsonaro. Antes mesmo do primeiro turno reunimos estudantes de todo o Brasil no 68º CONEG para elaborar a Plataforma Eleitoral da entidade, um programa que reuniu o acúmulo das discussões do encontro, elencou as prioridades dos estudantes e foi apresentado aos pré-candidatos à eleição presidencial. Destacamos ainda a atuação das entidades na campanha de participação da juventude nas eleições que resultou em 2 milhões de títulos de eleitores retirados em 2022, um aumento de 47,2% em relação a 2018, e convocou grêmios, UMES, CAs, DCEs, UEEs e APGs, a se mobilizarem e conquistarem votos para garantir a derrota de Bolsonaro. No segundo turno, através das mobilizações de rua, conjugamos uma frente ampla e democrática, fortalecida com amparo na candidatura de Lula. A escalada autoritária no país, as ameaças constantes à educação pública, a perseguição às universidades e ao caráter público das instituições federais de ensino, além da ação criminosa do governo Bolsonaro durante a epidemia demandaram um esforço de construção da unidade a partir da amplitude política que foi fundamental para enfrentar o projeto do neofascismo nas urnas. Nesse momento decisivo, nos posicionamos radicalmente ao lado da soberania nacional, da Ciência, do pensamento crítico, da diversidade, de uma política que esteja a serviço dos brasileiros mais vulneráveis. Em 2023, realizamos a 13ª Bienal de Arte e Cultura da UNE, no Rio de Janeiro. Sob o tema "Um rio chamado Brasil", desbravamos a produção estudantil de cada canto deste país. Tomamos a inovação como matéria-prima dessa edição, tudo o que foi visto passou por mentes incansáveis, de estudantes sedentos por descobrir como depois de enfrentar um governo genocida e uma pandemia a juventude brasileira estava se comunicando, se expressando e lendo o mundo. Foi assim que nasceu a primeira mostra de fotografia, a primeira edição do hackeamento artístico do CUCA da UNE, carinhosamente intitulado "expedição". Surgiu ainda a "Batalha da Nação", uma colaboração do CUCA com a Nação Hip-Hop BR, demos vida ao Espaço Laje e, pela primeira vez, os protagonistas do nosso palco foram os Bois de Parintins, Garantido e Caprichoso, representando a cultura popular, nossa grande e diversa homenageada do Festival. Tudo amarrado de sentido, para fazer valer nossa máxima dentro das Bienais: devolver cidadãs e cidadãos apaixonados pelo Brasil e prontos para travar as

batalhas necessárias ao voltar para casa e para as salas de aula. Construímos junto às demais entidades estudantis um marco de lutas, que ampliou o debate sobre a suspensão da implementação do Novo Ensino Médio e contra os 40% de EAD nos cursos presenciais, ambas políticas que precarizam a educação brasileira e a colocam a serviço dos grandes tubarões do ensino. Além disso, pautamos de forma eloquente a necessidade de revisão do FIES, com a campanha “FIES sem Teto”. Em abril, realizamos o 10º Encontro de Mulheres Estudantes da UNE, em Juíz de Fora, marcando seus quase 20 anos de construção para formulação e intervenção feminista na entidade. Centenas de mulheres de Universidades de todo Brasil ecoaram um único grito: a construção de um Brasil novo passa necessariamente pelas mãos das mulheres e suas vidas precisam estar no centro dos debates políticos das entidades estudantis! O resultado dos muitos dias de debates, em plenárias, mesas, feiras e também apresentações culturais foi a construção de uma carta que sintetiza as principais ideias discutidas ao longo dos três dias do 10º EME. O documento reivindicou a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso e permanência das estudantes à universidade, com iniciativas voltadas à assistência estudantil, contra a evasão de mulheres e mães estudantes e do estabelecimento de uma política de socialização do cuidado. A valorização das bolsas e equipamentos como moradias estudantis, creches universitárias, RU, lavanderias e transporte também foram apontados como ações fundamentais para garantir a permanência. Nos posicionamos pela derrubada imediata do Decreto 977/1993 que proíbe a construção de novas creches universitárias. O debate de enfrentamento às diversas violências sofridas pelas mulheres nas universidades foi ponto central nos espaços do 10º EME. Na universidade que queremos, todas entram e saem vivas e com diploma na mão. O saldo desses acúmulos está expresso nesse CONUNE através da cartilha lançada em parceria com o Ministério das Mulheres para informar as estudantes universitárias sobre seu direito a uma vida livre de violência e da realização de uma pesquisa nacional, também em parceria com o Ministério, para realizar um diagnóstico sobre a violência contra a mulher nas universidades e servir de base à formulação de políticas. No mesmo mês, realizamos o 69º Conselho Nacional de Entidades Gerais da UNE. Com o tema “Estudantes na luta por uma nova universidade para reconstruir o Brasil”, o encontro reuniu lideranças estudantis para convocar esse Congresso e decidir as prioridades da juventude para o novo ciclo político do país. O início do novo governo abriu a possibilidade de, após um longo período de resistência contra retrocessos, o movimento estudantil ajudar a implementar a educação que queremos: pública, gratuita, laica, de qualidade e universal. O encontro aprovou ainda a Carta pela Paz, contra a cultura da violência e por uma educação antifascista que convocou todos às ruas no dia 19 de Abril para construir um dia de ações simbólicas em escolas e universidades contra a onda de violência que vitimou e amedrontou o país. Com a derrota do neofascismo nas urnas e a vitória de Lula, nos situamos diante da abertura de um novo ciclo político no Brasil. Se o ciclo da resistência ao bolsonarismo foi marcado por intensas mobilizações de rua, com protagonismo da UNE, este não será diferente. Os estudantes precisaram mais uma vez mobilizar sua base e a sociedade para garantir que o projeto de reconstrução nacional não seja sequestrado pelas elites financeiras e nem que a extrema direita retome protagonismo na agenda nacional. Mais do que nunca, vamos precisar de uma UNE forte, com independência na construção da sua agenda política para manter sua capacidade de mobilização. A taxa real de juros do Brasil, desconsidera a inflação, é a maior do mundo. O Comitê de Política Monetária do Banco Central

decidiu por manter a taxa sob o argumento de controlar a inflação, afirmando que esta seria, na verdade, causada pela demanda. O que vemos é o contrário: a indústria apresenta produção em queda, gigantes varejistas estão quebrando e o consumo diminuiu; 78% das famílias brasileiras estão endividadas e sem poder de compra. É um dever histórico da UNE organizar uma agenda de lutas pela redução das taxas de juros, impedindo que o Banco Central perpetue essa política danosa ao país. Devemos realizar um chamado de mobilizações em todas as reuniões do COPOM, convocando os setores da sociedade e as entidades estudantis até que a taxa de juros abaixe e o orçamento federal seja recomposto. O atual ciclo, inaugurado pela derrota de Bolsonaro, abre a possibilidade de construção do projeto de universidade que queremos. A correlação interna do governo, porém, revela projetos em disputa. A UNE deve convocar o conjunto dos estudantes para um processo de mobilização permanente em defesa dos nossos direitos e dos avanços necessários para a reconstrução da educação e das universidades brasileiras. A UNE é a maior entidade estudantil da América Latina e uma das maiores do mundo. Sua força está na sua unidade e diversidade, na participação e construção conjunta por vários movimentos e também na sua extensa rede. São milhares de entidades espalhadas por todo canto do Brasil que seguem atendendo o chamado da UNE sempre que precisamos defender os interesses dos estudantes brasileiros. Uma UNE do tamanho dos sonhos da juventude brasileira é uma UNE que estruture sua linha frente do movimento estudantil desde a base: DCEs, CAs e demais organizações da rede do movimento estudantil. O processo está permanentemente em curso e há muito trabalho a ser feito para reestabelecer e reestruturar todas entidades de base pelo Brasil afora. Compreender a nova dinâmica de organização pós pandemia com presença marcada do mundo digital coexistindo com o protagonismo das salas de aula será fundamental para encarmos e construirmos as mobilizações para a reconstrução do Brasil. Ademais, esta compreensão passa por um olhar atento à juventude trabalhadora em toda a sua extensão. A aprovação da Lei do Estágio, que completa 15 anos, representa um grande avanço, mas deve ser aprimorada. Os estágios, muitas vezes, acabam se tornando mais uma forma de precarização do trabalho da juventude. Não admitiremos a precarização das atividades realizadas pelos estudantes dentro e fora da universidade. Além disso, a luta pelo direito ao passe-livre e à meia entrada seguem sendo pontos centrais para a agenda de lutas da UNE. Defendemos a necessidade de ampliar essas políticas que, além de serem fundamentais à permanência dos estudantes de baixa renda na universidade, permitem o acesso a espaços culturais, esportivos e de lazer que é fundamental para o exercício do pleno acesso à educação e à cidade. Sabemos a capacidade de mobilização de massas da UNE, por isso respeitamos sua história, sua institucionalidade e sua diversidade de composição. São 84 anos de luta em defesa do Brasil. Não aceitamos nenhuma construção que vise transformar a UNE em um comitê dos interesses particulares de somente uma força política. No próximo período iremos construir uma entidade com estas ideias, para que consigamos manter a sua legitimidade perante aos estudantes no dia a dia, para que estes continuem atendendo às convocações para mobilização. Além disso, acreditamos que a UNE precisa continuar a ser protagonista nos debates junto aos movimentos sociais, centrais sindicais e pelas Frentes Brasil Popular, Povo sem Medo e Fora Bolsonaro, cumprindo um papel central na luta política nacional. Por isso defendemos que a UNE mantenha sua agenda de construção das Frentes Nacionais e os diálogos e ação com as demais entidades do movimento educacional. A UNE deve manter sua independência e autonomia de posição,

sempre apresentando com altivez sua linha política, sem ser tutelada por nenhum outro movimento ou entidade, mas buscando sempre a construção da unidade de ação na luta. A UNE também deve continuar tendo no centro a agenda ambiental, defendendo os interesses nacionais e o desenvolvimento sustentável. Se é claro que os defensores da devastação agroextrativista e mineradora são nossos inimigos, precisa ser claro que as ONGs internacionais, que não apresentam nenhuma alternativa de desenvolvimento regional, também não nos servem. Resolver a crise ambiental passa por apresentar uma outra alternativa de desenvolvimento, que possibilite não só a sobrevivência das populações que vivem nos territórios, mas seu pleno desenvolvimento, sendo vistas então enquanto potência e não carência. Somente defender a preservação deixará essas pessoas à mercê do capitalismo verde, pois hoje é somente ele que apresenta uma possibilidade precária de renda. Além disso, no debate global devemos defender que os países ricos paguem pela crise climática, que causa efeitos no mundo inteiro, mas cujos causadores são poucos países ricos. A universidade deve ser sinônimo de democracia e diversidade. Por isso, é preciso explorar todo o seu potencial, sempre zelando pela garantia da qualidade no quadripé universitário, atrelando ensino, pesquisa, extensão e permanência estudantil; perpassando o desenvolvimento social e político dos estudantes que a ocupam. Esse papel cabe à UNE: garantir a unidade de todo o movimento estudantil, nas suas mais diversas expressões do saber. É necessário ainda construir um projeto de paz dentro e fora das universidades. A intolerância disseminada a partir de comunidades virtuais e redes de ódio ameaça a segurança cotidiana dos estudantes e contribui para o esvaziamento das salas de aula. Acreditamos em uma universidade de paz, que seja um espaço de prática do verbo “esperançar” propagado por Paulo Freire: um espaço de amplificação do respeito, da segurança e um abrigo para nossa pluralidade e construção de sonhos. Este ano será votada a renovação da Lei de Cotas, que foi fundamental para mudar a cara da universidade e inserir jovens negros, indígenas, quilombolas, periféricos e de baixa renda nas universidades. É papel da UNE organizar em cada universidade um comitê de defesa das cotas, que lute pela renovação, ampliação e fortalecimento das cotas, incluindo na política transexuais e travestis e assegurando a implementação de políticas de permanência estudantil para os estudantes, garantindo que tenham acesso a esse direito desde o primeiro dia de ingresso à universidade. Para isso, a UNE lança no 2º semestre de 2023 uma nova edição de sua caravana para formular com estudantes de todo o Brasil sobre a Reforma Universitária. Inspirada na UNE Volante nascida em 1962, um projeto ousado de mobilização a partir de caravanas que rodaram o Brasil. A primeira delas, que aconteceu naquele ano, contribuiu para consolidar a dimensão nacional da entidade em todo o território nacional. Durante dois meses, a UNE foi ao encontro de estudantes de várias partes do país para debater a necessidade das reformas e entender a realidade brasileira com seus contrastes e potencialidades. Mais uma vez, em uma combinação de ousadia e tradição, a UNE se desafia a mobilizar milhares em salas de aula de todo o país para fortalecer o movimento estudantil e debater a Reforma Universitária, a grande bandeira da próxima geração. É hora de pormos as reivindicações dos estudantes nas ruas. Mobilizaremos os estudantes de norte a sul do Brasil nas ruas, no marco dos 85 anos da entidade para construir uma semana de mobilização pela Educação que culmine no próximo 11 de Agosto.